

Resenha de livro

SILVA, Rogério Forastieri da. *História da historiografia. Capítulos para uma história das histórias da historiografia.* SP/Bauru: Edusc, 2001, 336p.

*Resenha por Diogo da Silva Roiz**

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA SOBRE A “NOVA HISTÓRIA” FRANCESA

Em 1990, Peter Burke lançou na Inglaterra um pequeno livro intitulado: *A escola dos Annales. A revolução francesa da historiografia (1929-1989)*, traduzido no Brasil apenas em 1997, onde ressaltava que apenas quando se aprofundar os estudos sobre “os rascunhos manuscritos de Marc Bloch ou as cartas não publicadas de Febvre e Braudel” é que se terá uma compreensão melhor definida sobre a história do movimento. E, acrescenta, que para tanto será preciso “um conhecimento especializado da história da historiografia, quanto da história da França do século XX”¹.

Rogério Forastieri da Silva em seu livro: *História da historiografia*, que foi originalmente uma tese de doutorado defendida, em 1999, no programa de pós-graduação em História Social da FFLCH/USP, sob os cuidados do professor Fernando Antônio Novaes, procurou realizar, em parte, o desafio lançado por Peter Burke, em 1990. A versão de sua tese em livro foi publicada em 2001 pela EDUSC, sem alterações significativas. O texto continuou dividido em dois grandes capítulos de aproximadamente 150 páginas cada um, em que trata respectivamente do *passado e presente dos estudos historiográficos gerais* e dos *estudos historiográficos sobre a ‘Nova História’ francesa*.

De início observa que a Nova História estava comprometida com uma certa tradição historiográfica, na qual vários autores de dentro e de fora do movimento dos *Annales* procuraram demonstrar uma relação direta de desenvolvimento entre a “escola histórica alemã” e a “escola metódica francesa”, indo à “escola dos *Annales*” e culminando na “Nova História” francesa da década de 1960 e 70, como se a história geral da historiografia do final do século XIX e parte do XX fosse uma querela de autores franceses. Essa tese, segundo ele, construída no interior de uma história geral da historiografia contemporânea foi a base sobre a qual a ‘terceira geração’ dos *Annales* almejavam escrever sua história, com vistas a elaborar uma tradição em relação aos fundadores do periódico: Marc Bloch e Lucien Febvre. Ao destacarem, entretanto, a importância do grupo que se formou ao redor da revista *Annales*, em suas diferentes fases, no que dizia respeito aos avanços dos estudos históricos no século XX, acabava-se, quase sempre segundo argumenta Forastieri, por se reduzir à contribuição de outros grupos de historiadores e cientistas sociais, que simultaneamente desenvolviam procedimentos de pesquisa e análises de fontes e objetos. De fato, segundo ele, o movimento dos *Annales* acabou favorecendo àquela interpretação, quando definiram na escrita de sua própria história, uma linha evolutiva que perpassaria a “escola metódica francesa” e culminando com a “Nova História”. Sem dúvida, para ele, esse argumento foi a base de um ‘relato fundador’ que alcançou um consenso relativo mesmo entre os maiores críticos da ‘Nova História’ francesa. E em geral, porque segundo argumenta, mesmo os críticos da ‘Nova História’ se fundamentavam, em seus escritos, nas obras de autores vinculados ou próximos a terceira geração do grupo, e que almejavam escrever também a própria história do movimento. Assim, ao se basearem basicamente naquela análise (uma vez que a maior parte da documentação pessoal dos fundadores e membros das primeiras gerações também era de

difícil acesso) reduziam suas interpretações ‘a favor’ e ou ‘contra’ os argumentos elaborados pela geração de historiadores dos *Annales* surgidos nos anos de 1960 e 70.

Para rever aquele ‘relato fundador’ Forastieri buscou empreender, no primeiro capítulo de seu livro, uma análise do que chamou de ‘empenhos historiográficos’, provenientes de autores da Antigüidade até o período moderno, quando os estudos historiográficos não se encontravam em um ‘setor autônomo’ e a História ainda não era tecnicamente ensinável em todos os níveis da alfabetização escolar, portanto, um período de desenvolvimento e amadurecimento da própria pesquisa histórica, sendo neste ponto muito exaustiva sua análise da bibliografia.

Ao analisar a maneira como os estudos historiográficos gerais haviam se desenvolvido até meados do século XIX, e constatar o pioneirismo de Eduard Fueter na sua obra *História da historiografia moderna*, originalmente publicada em 1914, para o avanço dos estudos historiográficos no século XX, Forastieri vislumbrou, no segundo capítulo de seu livro, a origem e o desenvolvimento do ‘relato fundador’ sobre a história do movimento dos *Annales*, e que se desdobrava na ‘Nova História’ francesa dos anos de 1960 e 70.

Neste ponto seu objetivo foi recorrer a uma discussão historiográfica sobre o surgimento da ‘Nova História’, buscando interpreta-la no contexto das histórias gerais da historiografia, das histórias gerais da historiografia contemporânea e dentro da produção historiográfica francesa. Segundo observou, a terceira geração do movimento dos *Annales* que surgiu no contexto do movimento estudantil de ‘maio de 1968’, das reivindicações de movimentos feministas, homossexuais e da politização dos movimentos negros nos EUA e na Europa, fez uma renovação nos estudos históricos, ao imprimirem uma escrita da história que priorizasse novos “problemas, abordagens e objetos”.

Assim, observando as mudanças ‘drásticas’ na sociedade européia e americana dos anos de 1960, àqueles historiadores procuraram inovar ‘olhares’ e ‘interpretações’ sobre as sociedades passadas, e observar mudanças e permanências com as sociedades presentes, ao tentarem analisar ‘todo agir humano’. Mas justamente neste ponto, segundo observa Forastieri, os *Annales* surgidos nas décadas de 1960 e 70 receberam diversas críticas tanto dentro como fora do movimento. Tais críticas – efetuadas desde a década de 1960, quando ocorreu uma renovação no movimento, em relação aos seus projetos iniciais – podem ser, conforme observa o autor, uma das razões para a necessidade de elaboração de um ‘relato fundador’ sobre a história do movimento por parte dos membros do grupo, naquele momento preciso dos anos 60. Nesse período os combates do grupo haviam sido mais internos, porque provavelmente não houve uma linha mestra entre o grupo, como nos momentos anteriores, em função das direções que centralizavam as ações da revista, quando dirigida por Bloch e Febvre e depois por Braudel, e após a aposentadoria de Braudel a revista estar com uma direção colegiada. Forastieri observa que um outro motivo para a criação daquele ‘relato fundador’ poderia estar atrelado ao próprio sucesso alcançado pelos *Annales* dentro e fora da França após a Segunda Guerra Mundial, e isso viria a criar a necessidade de elaboração de uma identidade comum do grupo em todas as suas fases: daí a denominação de diferentes *gerações*; daí também a construção da imagem de uma ‘escola’ em constante processo de desenvolvimento. Ressaltava-se, nesse sentido, segundo analisa o autor: os ‘grandes’ debates travados pelos administradores do periódico, em suas diferentes fases; as características do diálogo entre História e Ciências Sociais; os acontecimentos que marcariam a reorientação do posicionamento do grupo perante o estudos dos homens e das sociedades no tempo; e, enfim, a delimitação das abordagens que, segundo aquele relato sobre a história do grupo, acompanhariam os ‘novos’ objetos, abordagens e problemas, levantados a partir das próprias transformações sociais, observadas pelos ‘novos’ historiadores em suas pesquisas. Nesse ponto o autor avalia o alcance daquele ‘relato fundador’ nas obras de Jacques Le Goff, Pierre

Nora, André Burguière, Jacques Revel, Roger Chartier, dentre outros, e as interpretações que recebeu nas obras de François Dosse, Peter Burke, Josef Fontana, José Carlos Reis, dentre outros.

A instigante leitura da obra de Forastieri permite ao leitor conhecer e analisar o alcance e os limites do ‘relato fundador’ sobre a história do movimento dos *Annales* e a forma como foi recebido entre os críticos da ‘Nova História’. Todavia, o autor limitou-se em sua pesquisa ao estudo de obras. Portanto, não procurou rever a elaboração deste relato, junto a uma análise da documentação pessoal e das correspondências do grupo em suas primeiras fases. Esta análise permitiria avançar a história até aqui conhecida sobre o movimento, e que basicamente foi escrita por parte de membros da terceira geração que surgiu nas décadas de 1960 e 70, tornando-se hegemônica no movimento dos *Annales*, e ainda coexiste com uma história pouco conhecida sobre os *Annales*. E, além disso, permitiria demonstrar os pontos convergentes e os distanciamentos, entre a ‘história vivida’ pelas pessoas que fizeram parte do movimento nas duas primeiras gerações, e as ‘representações’ que foram elaboradas sobre suas atuações, pela terceira geração que passou a escrever a ‘história conhecimento’ a respeito dos *Annales*.

* Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca, foi bolsista CAPES. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai.

¹ BURKE, P. *A escola dos Annales*. SP: Edunesp, 1997, pp. 13-4.